

A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Daniele Chitolina¹

Bianca Calixto²

Diely Romero³

João Victor Verçosa⁴

Ailton Jesus Dinardi⁵

Resumo:

O trabalho trata da importância da observação e trabalho de campo nas licenciaturas, no caso, a Licenciatura em Ciências da Natureza. O projeto parte da proposta curricular do próprio curso, atrelado ao Componente de Práticas Pedagógicas I e reúne o relato de quatro licenciandos que acompanharam professores de química e física de escolas estaduais no município de Uruguaiana, Rio Grande do Sul. Percebemos a importância da prática pedagógica no primeiro semestre dos cursos de licenciatura pela caracterização do espaço escolar, práticas educacionais e experiência de campo, sendo possível inclusive, a confirmação da escolha profissional do licenciando. Durante a observação será possível avaliar a realidade da profissão docente, seus prazeres e desafios, relacionamentos inter-pessoais entre professores e alunos e métodos avaliativos utilizados.

Palavras-chave: observação; estágio; formação; licenciatura

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

¹ Aluno de graduação. danielecsantos@icloud.com. Autor principal

² Aluno de graduação. biancacalixto1998@gmail.com. Co-autor

³ Aluno de graduação. dielyromero@icloud.com. Co-autor

⁴ Aluno de graduação. joai2014vercosa@gmail.com. Co-autor

⁵ Docente. ailtondinardi@unipampa.edu.br. Orientador



A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

1. INTRODUÇÃO

É de suma importância a realização de atividades observatória em sala de aula pelos acadêmicos dos cursos de licenciatura. As práticas pedagógicas têm por finalidade a inserção do aluno no âmbito escolar, para que desde o início de sua trajetória acadêmica possa se acostumar com esta realidade.

Segundo a Resolução nº 2 do Conselho Nacional de Educação, os cursos de licenciatura devem oferecer 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, distribuídas ao longo do processo formativo (BRASIL, 2015). Ainda segundo este documento, os cursos devem oferecer um núcleo de estudos integradores para enriquecimento curricular, compreendendo a participação em:

[...] atividades práticas articuladas entre os sistemas de ensino e instituições educativas de modo a propiciar vivências nas diferentes áreas do campo educacional, assegurando aprofundamento e diversificação de estudos, experiências e utilização de recursos pedagógicos (BRASIL, 2015, p. 11).

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura em Ciências da natureza registra que a proposta pedagógica do componente curricular Práticas no Curso Ciências da Natureza – Licenciatura, estrutura-se pela composição das Práticas Pedagógicas I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII, propostas para o desenvolvimento das mesmas do primeiro ao oitavo semestre do curso, de forma articulada com outros componentes curriculares. A Prática Pedagógica I esta articulada com os componentes Introdução a Ciências da Natureza e Experimentação I tendo como objetivos:

Observação e compreensão da realidade do ensino de ciências na escola. Conhecimento sobre os objetos de saberes sugeridos ao ensino de ciências da natureza no ensino fundamental e ciências da natureza e suas tecnologias no ensino médio [...]. Contato com docentes da área de ciências naturais (ensino fundamental) e ciências da natureza e suas tecnologias no ensino médio (química, física e biologia) para conhecer sobre saberes e recurso didáticos desta área de conhecimento (UNIPAMPA, 2013, p. 43).

Observar uma turma de alunos da educação básica, faz com que os discentes do Curso de Ciências da Natureza tomem consciência do que futuramente irão enfrentar nessa jornada como professores, da importância do papel do professor na vida dos alunos e na compressão de que estes trazem consigo uma bagagem de experiências e vivências anteriores ao contexto escolar.

Além disso, a observação é uma experiência de confronto onde a realidade se choca com as deduções tiradas em sala de aula, na universidade, sendo possível tirar a prova se é esse mesmo o caminho a seguir. Este resumo teve como objetivo analisar os olhares de um grupo de acadêmicos sobre a relação professor-aluno, os métodos utilizados para transmitir o conteúdo para os alunos e a forma de avaliá-los em duas escolas públicas estaduais.

2. METODOLOGIA

Este registro parte de uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica. Segundo André (1995) a pesquisa etnográfica é um esquema de pesquisa desenvolvido para estudar a cultura e a sociedade. A pesquisa etnográfica envolve um trabalho de campo, onde o pesquisador aproxima-se de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto, sem pretensão de mudar o ambiente.

Para efetivação desta pesquisa, os acadêmicos do primeiro semestre do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza, observaram em duas escolas estaduais, no primeiro semestre de 2017, a dinâmica das aulas na área de Ciências da Natureza (Química e Física). Em uma das escolas (Escola 1) foram observadas as aulas de uma turma do 1º ano do Ensino Médio da disciplina de Física e na outra (Escola 2) foram observadas as aulas de Química de uma turma do 2º ano do Ensino Médio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS

As escolas observadas pertencem a rede estadual de ensino, sendo que a Escola 1 localiza-se no Bairro São Miguel (Uruguaiana-RS), funciona em três turnos e possui uma ótima estrutura, pois conta com laboratório de química, física e biologia, uma sala de informática, duas quadras poliesportivas, uma ampla biblioteca, um salão de atos, refeitório, sala de professores, banheiros adequados para pessoas com deficiência e um amplo pátio, os corredores que interligam os blocos e demais locais da escola possuem cobertura. A Escola 2 situada na periferia de Uruguaiana-RS, atende alunos do Ensino, fundamental, médio e também o Ensino para Jovens e Adultos (EJA). A Escola 2 possui 18 salas de aula, sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, quadra de esportes descoberta, cozinha, biblioteca, parque infantil, banheiros, banheiros para professores, banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES OBSERVADOS

O Professor da Escola 1 é licenciado em Física e Matemática, trabalha há 4 anos na escola que foi feita a observação, o mesmo prefere lecionar Física, leciona 40 horas e a noite da aula em um curso pré-vestibular.

A professora da Escola 2 é licenciada em Ciências da Natureza e Matemática e atua há mais de vinte anos na Educação Básica, na mesma escola. Já lecionou Matemática, Biologia, Química e Física; porém quando perguntada, afirmou que gosta mais de lecionar Matemática, e que se sente desafiada ao lecionar Química, pois fazia tempo que não lecionava na disciplina. A professora nos contou que anteriormente lecionava 60 horas semanais, porém abandonou uma das matrículas, pois sentia a necessidade de mais tempo para preparar suas aulas e dedicar-se aos estudos, ela nos disse que gosta muito da escola, alunos e comunidade, e foi o que realmente nos pareceu.

3.3 RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS

Um dos resultados positivos que se pode tirar das observações, diz respeito a importância do bom convívio entre professor e aluno. Entendemos que no caso de

adolescentes, não se pode criar uma expectativa de que eles simplesmente chegarão em sala de aula e ouvirão atentamente tudo o que o professor tem a dizer, existem conversas paralelas, interesses particulares e mudanças de assunto. Algumas vezes, não será possível efetuar em sala de aula exatamente o que foi planejado, cabendo ao professor buscar a atenção do aluno de forma criativa, procurando novos métodos didáticos e soluções para realização de uma aula que leve em consideração o interesse do aluno e aquilo que ele precisa aprender.

Na Escola 1, o professor costuma passar os exercícios na lousa, dando um tempo para que os alunos os resolvam. Após este tempo, o professor resolve os exercícios junto com a turma, havendo grande participação dos alunos. Percebe-se que os alunos se interessam pelos temas, querendo tirar dúvidas sobre o assunto. O professor entre uma explicação e outra, traz aos alunos exemplos do cotidiano e onde eles poderiam aplicar o que estavam estudando.

Na Escola 2 percebe-se que existe bastante cumplicidade entre a turma e a professora, sendo ela bastante querida pelos alunos, e mesmo em meio a agitação da turma, percebe-se que os alunos a respeitam, sendo bastante querida por eles e que consegue realizar em grande parte aquilo que havia planejado para a aula.

Ao observar uma escola, ou a realidade em sala de aula, deve buscar a compreensão do nosso trabalho docente e da nossa formação, no encontro de diagnósticos e soluções que casualmente encontraremos durante formação e trabalho, a fim de que a cada dia possamos realizar uma autoanálise enquanto profissionais da educação, pois segundo Alves (2003, p.65):

[...] estudar o cotidiano escolar é estudar a escola em sua realidade como ela é, sem julgamento a priori de valor e, principalmente, buscando a compreensão de que o que nela se faz e se cria precisa ser visto como uma saída possível, naquele contexto, encontrada pelos sujeitos que nela trabalham, estudam e vão levar seus filhos.

Ao final das observações pode-se afirmar que em ambas as turmas a relação entre os professores e os alunos era ótima, havendo respeito dos dois lados, isto fazia com que os professores respeitassem a velocidade dos seus alunos no momento de copiarem e de entenderem o conteúdo e os alunos entendiam que as vezes o professor tinha que passar rapidamente o conteúdo por causa do tempo de aula. Para Freire (1996, p. 103): “O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico”.

3.4 FORMAS DE AVALIAÇÃO

Um dos maiores questionamentos dos licenciandos, futuros professores, diz respeito ao método avaliativo, por isso, esse tema foi um dos assuntos que mais chamou a atenção durante as visitas. O ato de avaliar contempla não somente o aluno, mas também e principalmente o professor e o método aplicado. Se o aluno não aprendeu é necessário localizar a dificuldade e transpô-la, porém, em uma sala de aula há variedades de pensamentos e diferentes momentos e formas de aprendizagem corroborando com a fala de Tristão (2006):

[...] ter alunos com diferentes níveis e estilos de aprendizagem possibilita ao professor aproveitar essas diferenças para promover situações de aprendizagem que provoquem desafios, problematizações, questões a serem discutidas e investigadas. Isso deve levar a escola, como um todo, à reflexão conjunta para a resolução de problemas no cotidiano escolar. A

escola para todos requer um redimensionamento do fazer pedagógico a fim de atender às necessidades educacionais especiais de todos os alunos. Os sistemas educacionais devem se reorganizar para construir um espaço escolar democrático que possa acolher todos os alunos, respeitando suas diferenças. (TRISTÃO, 2006, p. 31).

A professora da Escola 2 informou que embora faça provas, esse não é o único método que utiliza para avaliação, inclusive disse que é o que menos gosta, pois prefere passar atividades individuais e em grupo, pesquisas e até mesmo atividades orais. O professor de Física (Escola 1), se utiliza de três meios para avaliar seus alunos: prova, avaliação do caderno e trabalhos. Segundo o professor desta escola, o aluno:

[...] sabendo que as três formas de avaliar têm o mesmo peso, os alunos não ficam tão pressionados, fazendo com que eles se dediquem aos estudos. Pois eles não sofrem um choque ao perceber que não atingiram o conceito em uma determinada avaliação, pois sabem que ainda tem outras duas formas de serem avaliados, podendo se esforçar e recuperar o conceito tirado na avaliação anterior.

4. CONCLUSÕES

O propósito das observações foi a inserção dos discentes, desde o começo da sua vida acadêmica, no âmbito escolar e a familiarização da convivência e das relações estabelecidas entre professor e alunos e se conclui que tal proposta foi realizada com êxito.

As visitas às escolas e a participação das aulas permitiu vivenciar diferentes metodologias de ensino e o exemplo de que aluno e professor não precisam viver na hierarquia de professor como dono do saber e aluno como receptor do conhecimento do professor, mas de que ambos possuem conhecimentos pré-adquiridos aos quais transmitem entre si.

Um ponto de relevância foi de que a vivência na sala de aula como observador trouxe uma visão que até então não tínhamos, pois, a nossa experiência no ambiente escolar havia sido apenas como alunos.

Pode-se concluir que de fato, ao se buscar a carreira acadêmica, somos todos os dias desafiados a repensar conceitos, pré-conceitos e pensamentos que já tínhamos concebido anteriormente a respeito da escola e da profissão docente.

5. REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Diferentes tipos de pesquisa qualitativa. In: **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995. p. 27-33.

ALVES, Nilda. **Cultura e cotidiano escolar**. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago. Nº 23. Faculdade de Educação: Rio de Janeiro, 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada**. Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015. Diário Oficial da União, Brasília, 2 de julho de 2015 – Seção 1 – pp. 8-12.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

TRISTÃO, Rosana Maria. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento**. 4. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

UNIPAMPA. **Projeto Pedagógico do Curso de Ciências da Natureza – Licenciatura**. Bagé: Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, 2013.